

## Recortes do português seabrense: um estudo da variação entre as preposições locativas *em* ~ *ni*

Clippings from seabrense portuguese: a study of the variation between locative prepositions *in* (*em* ~ *ni*)

Elias de Souza Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Com o objetivo de descrevermos os padrões de uso das preposições locativas *em* e *ni* no português falado de Seabra, município do estado da Bahia, em uma amostra constituída de 12 (doze) entrevistas sociolinguísticas, estratificada conforme o sexo, a faixa etária e a escolaridade dos falantes, fundamentamos este estudo na Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEIREINCH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). Para tal, partimos do ponto de que a variante *ni* está presente na fala da comunidade em estudo, assim como em outras variedades de fala do português brasileiro. Após tabularmos os dados, submetemo-los a uma linguagem de programação estatística denominada R (R CORE TEAM, 2020), identificando 213 ocorrências em contextos que permitem a variação da preposição, examinadas quantitativamente quanto ao efeito exercido pelos preditores sociais sobre elas. No que diz respeito às análises propostas, constatamos, de um lado, com a univariada, que as variáveis faixa etária e escolaridade se mostraram significativas e, de outro, com a multivariada, que os preditores sexo, em interação com a faixa etária, e a escolaridade, apresentaram efeitos sobre a variável resposta.

**Palavras-chave:** preposição locativa; variação; encaixamento social.

**Abstract:** In order to describe the patterns of use of locative prepositions *in* and *ni* in the spoken Portuguese of Seabra, a municipality in the state of Bahia, in a sample consisting of 12 (twelve) sociolinguistic interviews, stratified according to sex, age group and schooling. of speakers, we base this study on the Theory of Linguistic Variation and Change (WEIREINCH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). To this end, we start from the point that the *ni* variant is present in the speech of the community under study, not being stigmatized in it. After tabulating the data, we submitted them to a statistical programming language called R (R CORE TEAM, 2020), identifying 213 occurrences in contexts that allow the variation of the preposition, analyzed quantitatively regarding the effect exerted by social predictors on them. With regard to the proposed analyses, we found, on the one hand, with the univariate, that the variables age and education were significant and, on the other hand, with the multivariate, that the predictors sex, in interaction with the age group, and education had effects on the response variable.

**Keywords:** locative preposition; variation; social embedding.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XIII, Seabra, BA, Brasil. Endereço eletrônico: [eliassantos@uneb.br](mailto:eliassantos@uneb.br).

## Primeiros dizeres

Neste estudo, seguimos uma abordagem variacionista da variação e da mudança linguísticas. Desde uma perspectiva sincrônica e diacrônica, conforme tem sido sugerido por diferentes estudiosos da Sociolinguística, entre eles Weireinch, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), em um modelo baseado no uso, a língua é conceitualizada como algo dotado de heterogeneidade sistemática, evento que concede a identificação e a demarcação de diferenças sociais em uma determinada comunidade, instituindo-se, como parte da competência linguística dos seus utentes, o domínio heterogêneo de estruturas. Em face disso, nos ocupamos da seguinte questão: dado esse modelo de língua, é possível observarmos o efeito de variáveis sociais sobre o comportamento variável das preposições locativas *em* e *ni* exploradas neste estudo?

Com o objetivo de lançar luz sobre a questão apresentada, buscamos descrever os padrões de uso das preposições locativas em foco no português falado de Seabra, como podemos ver em (1) e (2), excertos de fala de 2 (dois) dos colaboradores da amostra analisada.

(1) Seabrense é ...é nascê ou então tá morano *em* Seabra (DDA-F1U-27MM).

(2) Já fui *ni* São Paulo, oh menino, são Paulo pra mim era caminho de roça, já fui até de caminhão, encima do caminhão, já morei *ni* favela lá *ni* São Paulo e tudo (ELT-F3U-77FF).

Nos excertos (1) e (2), as formas *em* e *ni* apresentam o mesmo valor sintático e semântico, de uma parte, ambas variantes conectam sentenças, de outra parte, localizam o sintagma nominal no espaço. Destarte, neste texto, examinamos os usos variáveis das preposições locativas atestadas no corpus de análise, constituído a partir das entrevistas de 12 (doze) informantes residentes em Seabra, município brasileiro do estado da Bahia, conhecido no cenário regional pela variedade de comércios e serviços disponíveis, bem como por acolher diferentes órgãos estaduais e federais. Estratificamos a amostra conforme o sexo do falante (masculino e feminino), a faixa etária (-35 e 45+ anos) e a escolaridade (fundamental, média e universitária).

Ante as premissas expostas, no que diz respeito ao fenômeno em perspectiva, admitimos, a princípio, que o comportamento variável da preposição locativa *em* na comunidade de fala seabrense seria motivado por uma série de fatores sociais, para os quais a forma *ni* seria favorecida, majoritariamente, pelos indivíduos mais velhos, do sexo feminino e com nível de escolaridade baixa.

Dito isto, realizamos esta investigação de acordo com uma metodologia de base estatística, desenvolvida pela Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]), para a qual submetemos os dados tabulados a uma linguagem de programação denominada R (R CORE TEAM, 2020), com o intuito de “[...] aferir, de maneira quantitativa, o resultado de um experimento e a distribuição esperada para o fenômeno em estudo” e verificar “[...] o efeito simultâneo de múltiplas variáveis previsoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável de resposta” (OUSHIRO, 2017, p. 182).

As discussões aqui propostas são alargadas ao longo deste texto, o qual estruturamos da seguinte maneira: na segunda seção, apresentamos uma revisão sumária de resultados encontrados por alguns estudiosos sobre o fenômeno em perspectiva; na terceira seção, examinamos os dados quantitativos do falar seabrense, apontando os fatores sociais relevantes no uso das preposições locativas *em* e *ni*; e, na quarta seção, traçamos as considerações a que chegamos em relação à variante eleita pelos falantes da comunidade em cena.

### **As variantes em foco: uma revisão**

Apresentamos nesta seção, sumariamente, resultados de estudos sobre o estado do comportamento variável entre as preposições locativas *em* e *ni* em amostras de variedades faladas do Português Brasileiro (daqui em diante, PB), notadamente as investigadas por Ferrari (1997), por Albuquerque e Nascimento (2013), por Souza (2015), por Ribeiro (2019), dentre outros; estabelecendo uma avaliação das variantes em conformidade com a tradição gramatical.

A variante *em*, considerada padrão, consoante estudos já realizados, é a mais produtiva no vernáculo brasileiro. A investigação empreendida por Ferrari (1997), sobre o caso variável entre as preposições locativas *em* e *ni* no PB, argumenta que os fatores que motivam a escolha entre uma ou outra têm sua gênese em estratégias cognitivas metafóricas e metonímicas: por um lado, *em* tende a expressar locativos concretos, ao passo que, por outro lado, *ni* expressa a abstratização da noção locativa, por meio da ocorrência de processos metafóricos e/ou metonímicos. A autora, além dos resultados alcançados, afirma que diferente da forma *em*, *ni* é escassa na literatura, fato que não a surpreende quando não a encontra nas gramáticas tradicionais, tendo em vista que esta variante está associada a dialetos não-padrão. Embora *ni* não seja citada na maioria dos compêndios gramaticais e nos dicionários, ela se faz presente na fala espontânea do brasileiro, sobretudo em contextos mais rurais, despojados de grandes contatos com bens da cultura letrada, conforme assevera Ribeiro (2019, p. 13), quem também adverte que, apesar disso, com as mudanças migratórias do campo para a cidade, essa variante “[...] pode ser ouvida na fala de jovens residentes de centros urbanos”.

Como dito anteriormente, os estudos realizados sobre o uso variável entre as preposições locativas *em* e *ni* têm constatado que aquela primeira variante tem se mostrado, preferivelmente, quase que categórica, estando esta última vinculada a um perfil social característico, a saber: indivíduos mais velhos, com escolaridade baixa ou inexistente e residentes de áreas rurais, concorde com o que atestam as averiguações dos pesquisadores citados nos parágrafos precedentes.

Quanto à caracterização da preposição *ni*, Castilho (2010) afirma ser o resultado de uma regularização morfológica de *em*, correlata à terceira fase da gramaticalização<sup>2</sup> das preposições. A primeira fase diz respeito à recategorização, na qual palavras de diferentes classes passam a ser preposições. Já a segunda fase concerne à regramaticalização, em que preposições simples se juntam a outras preposições, cujo objetivo é clarificar a representação espacial. A terceira fase, de nosso interesse, está relacionada à substituição de preposições, a exemplo de *a > em > para*, *em > ni*, *de > desde*, *ante > diante*, *após > depois*. Em tal caso, em relação à forma *ni*, “[...] a preposição *em* dispõe de uma forma base, o ditongo nasal [ey] e das formas amalgamadas *no*, *na*, *num*, *numa*, de que *ni* representa uma sorte neutralização da categoria de gênero” (CASTILHO, 2010, p. 590).

A explicação para o processo de fonologização e morfologização das preposições, segundo Kewitz et. al. (2018), está nos seus pesos, leves ou pesadas, as primeiras, partícipes do grupo dos monossílabos desprovidos de acento e sujeitas fonologicamente de outras palavras. As segundas, a seu turno, constituem o grupo dos monossílabos tônicos e dissílabos, acentuadas na primeira ou segunda sílaba. Face a isso, os autores argumentam que a preposição *em* é do tipo pesada, tipificada pela presença de coda e do arquifonema nasal /N/, provocando uma pressão fonológica e morfológica, formando novas preposições que podem alternar com aquelas já existentes.

Esse processo de amálgama é oriundo de um mecanismo cognitivo denominado *chunking*, concebido por Bybee (2016, p. 64) como “[...] um processo que influencia todos os sistemas cognitivos, com base na organização da memória”. Assim, *em*, preposição monossilábica pesada, passa a leve por promover fusões em detrimento da sua frequência de uso junto aos artigos, o que acontece, segundo Ribeiro (2019, p. 35), “[...] com outras preposições mais gramaticalizadas”.

---

<sup>2</sup> “[...] processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (MARTELOTTA, 2011, p. 92).

Estudiosos como Baxter (1992), Ferrari (1997), Lucchesi e Baxter (1997), Lopes e Baxter (2006), Albuquerque e Nascimento (2013) e Souza (2015) sugerem que a gênese de *ni* fundamenta-se nas influências do contato do PB com línguas africanas, ora porque encontraram evidências de que a variante em foco fora usada quase que categoricamente como preposição locativa, perdendo força para *em* com a aquisição do português europeu (LOPES; BAXTER, 2006), ora por conta de uma sobreposição semântica entre constituintes mórficos locativos das línguas de contato que constituíram o PB (SOUZA, 2015). Ainda que esta hipótese seja admissível, não a amparamos, devido à falta de evidências empíricas que a sustentasse no contexto de variação da comunidade que constitui *locus* deste estudo.

Em síntese, de acordo com Ribeiro (2019), os estudos sobre o comportamento variável da preposição *em* nas variedades do PB falado ainda são escassos; conquanto, a baixa frequência de *ni* não nos impossibilita de considerá-la como uma variante que se alterna com *em*. A seguir, apresentamos a descrição dos dados referente ao comportamento variável das preposições locativas *em* e *ni* no português falado de Seabra.

### **Descrição dos dados: aspectos sociais**

Em um total de 213 ocorrências depreendidas da amostra de análise, a variante *em* ocorreu com uma frequência de 77%. Já a variante *ni* corresponde a 23% dos dados, consoante números da Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição das preposições locativas *em* ~ *ni*

	EM	NI	TOTAL
Ocorrências	164	49	213
Frequência	77%	23%	100%

Fonte: Elaboração própria (2022).

Resultados de estudos sobre outras variedades do PB (PONTES, 1992; FERRARI, 1997; LUCCHESI; BAXTER, 2009; ALBUQUERQUE; NASCIMENTO, 2013; PAES, 2013; SOUZA, 2012, 2015; RIBEIRO, 2019; entre outros) confirmam que a variante *em* é a que ocorre predominantemente.

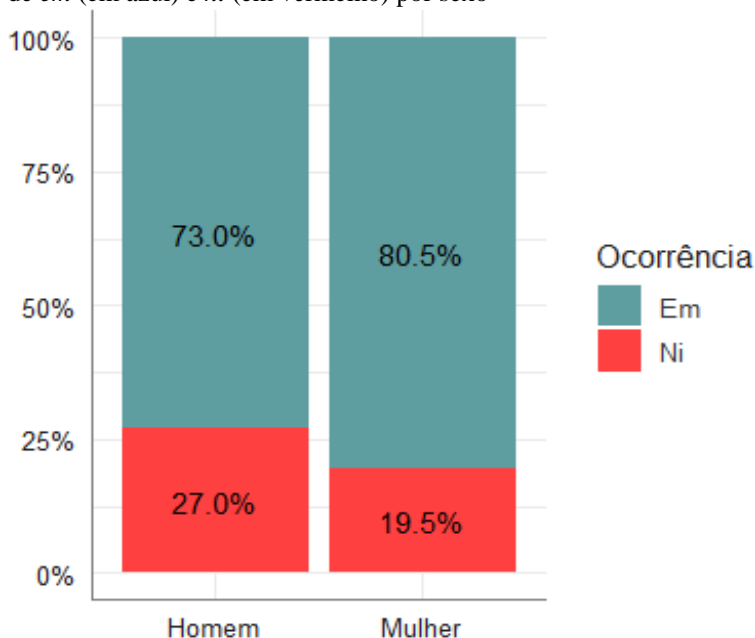
Na amostra que examinamos, foi possível coletarmos informações consideráveis para assinalar os padrões de uso das preposições locativas *em* e *ni*. No que concerne às variáveis previsoras sociais controladas na amostra, pretendemos responder a inquirição que segue: há diferença no uso da variante *ni* em relação ao sexo, à faixa etária e escolaridade dos falantes residentes na comunidade de fala seabrense? Em vista disso, apresentamos na sequência a

significância estatística desses fatores sociais na realização variável da preposição *em*, conforme teste de qui-quadrado ( $X^2$ ) proposto.

Para a variável sexo, consideramos ocorrências agrupadas nos regressores (variantes) feminino e masculino. A sua distribuição não se mostrou estatisticamente significativa ( $X^2 = 1.3001$ ,  $df = 1$ ,  $p = 0.2542$ ).

O Gráfico 1 exibe a repartição percentual da realização das preposições *em* e *ni*, associada à variável previsora social sexo. Os homens fazem uso da variante *ni* em um percentual de 27,0% das ocorrências, no tempo em que obtiveram 73,0% para a preposição *em*. As mulheres, por sua vez, usam a variante *ni* em 19,5%, simultâneo a 80,5% com a preposição *em*.

Gráfico 1 – Distribuição de *em* (em azul) e *ni* (em vermelho) por sexo



Fonte: Elaboração própria (2022).

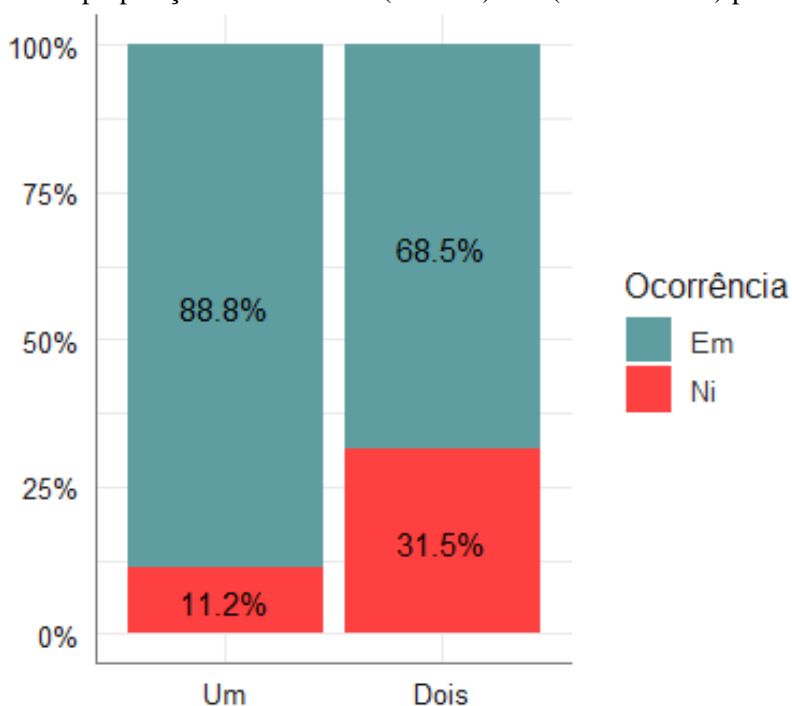
Para essa variável previsora, tínhamos como hipótese que as mulheres tenderiam a usar significativamente a variante *ni*, de sorte que elas estariam envolvidas em papéis sociais que, normalmente, caracterizariam atividades relacionadas ao cuidado do lar, funções que reduziriam as suas interações com o meio social, visto que, como afirma Labov (2008 [1972], p. 348), a diferença entre a fala de homens e mulheres “[...] depende claramente de padrões de interação social na vida diária”. Em consideração a isso, a variável sexo não mostrou significância estatística para o uso da forma *ni*, pois, em termos proporcionais, tanto homens

quanto mulheres usam a forma quase que na mesma proporção, o que permitiu que a hipótese não fosse confirmada.

Em referência à faixa etária, tínhamos controlado o regressor (um) correspondente às idades abaixo de 35 anos e o regressor (dois) relativo às idades superiores a 45 anos de idade. A diferença nessa distribuição se mostrou estatisticamente significativa ( $X^2 = 10.84$ ,  $df = 1$ ,  $p = 0.0009931$ ).

O Gráfico 2 mostra a distribuição percentual da realização das preposições *em* e *ni* no que diz respeito à faixa etária. A faixa etária (dois) foi quem mais favoreceu a variante *ni* com uma percentagem de 31,5% das ocorrências, no tempo em que a preposição *em* obteve 68,5%. Já a faixa etária (um) foi quem menos motivou a variante *ni* com 11,2%, em simultâneo com a preposição *em* com 88,8% dos dados apurados.

Gráfico 2 – Distribuição das preposições locativas *em* (em azul) e *ni* (em vermelho) por faixa etária



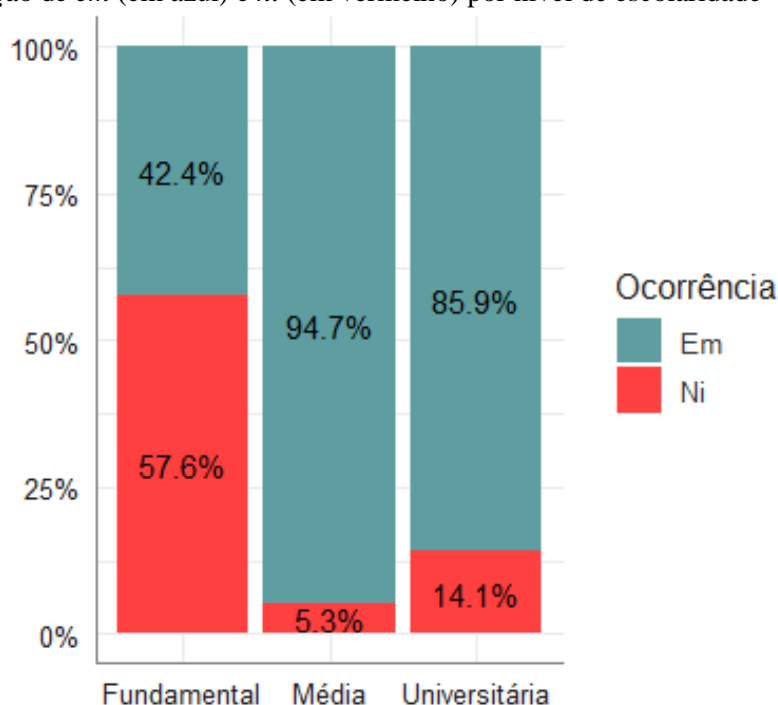
Fonte: Elaboração própria (2022).

Quanto à faixa etária, tínhamos levantado a hipótese de que os indivíduos mais velhos favoreceriam o uso da forma *ni*, evidência consoante a Lopes e Baxter (2006) que constataram que essa variante apresentou uma frequência maior na faixa etária III em relação às faixas etárias II e I, respectivamente. Notamos, portanto, que a faixa etária (dois), correspondente àquela constituída de falantes mais velhos, se mostrou proporcionalmente significativa se comparada à faixa etária (um), confirmando, dessa maneira, a hipótese alçada.

Para a terceira e última variável controlada, a escolaridade, tínhamos controlado os regressores fundamental, média e universitária. A diferença nessa classificação se mostrou estatisticamente significativa ( $X^2 = 56.924$ ,  $df = 2$ ,  $p = 4.356e-13$ ).

O gráfico 3 mostra a distribuição percentual da realização das preposições *em* e *ni* quanto à escolaridade. Os falantes com nível de escolaridade fundamental foram os que mais motivaram o uso da preposição *ni* com uma percentagem de 57,6% frente a 42,4% da variante *em*. Já os com escolaridade média computaram 5,3% para a forma *ni* e 94,7% para *em*, no momento em que os com escolaridade universitária exibiram 14,1% para *ni* e 85,9% para *em*.

Gráfico 3 – Distribuição de *em* (em azul) e *ni* (em vermelho) por nível de escolaridade



Fonte: Elaboração própria (2022).

Em referência ao nível de escolaridade dos falantes, tínhamos como hipótese que aqueles com escolaridade baixa tenderiam a favorecer o uso da variante *ni*, fato confirmado e já explicitado em investigações precedentes (FERRARI, 1997; SOUZA, 2015), segundo Ribeiro (2019).

Após termos explorado os dados, por meio de gráficos e testes de significância, a exemplo do teste de qui-quadrado, cujo objetivo foi avaliar quantitativamente a relação entre o resultado da experimentação e a distribuição esperada para o fenômeno em estudo, realizamos testes de regressão logística, a fim de observar diferentes modelos e descrever aquele que mostrasse mais explicativo, como veremos a seguir.



Na Tabela 2 exibimos os resultados da análise de regressão logística com preditor binário com a presença dos fatores estatisticamente significativos, destacados em negrito.

Tabela 2 – Resultado da regressão logística com os fatores estatisticamente significativos

	<b>Coef</b>	<b>S.E.</b>	<b>Wald Z</b>	<b>Pr(&gt; Z )</b>
<b>Intercepto</b>	-0.3037	0.5393	-0.56	0.5733
Sexo=Mulher	-0.1623	0.5587	-0.29	0.7714
Escolaridade=Média	-1.5928	0.6889	-2.31	<b>0.0208</b>
Escolaridade=Universitária	-2.8931	0.7139	-4.05	<b>&lt;0.0001</b>
Faixa.etária=Dois	0.9764	0.4704	2.08	<b>0.0380</b>
Sexo=Mulher * Escolaridade=Média	-9.1525	26.6825	-0.34	0.7316
Sexo=Mulher * Escolaridade=Universitária	1.5019	0.9495	1.58	0.1137
<b>R<sup>2</sup> = 0.461; C = 0.869</b>				

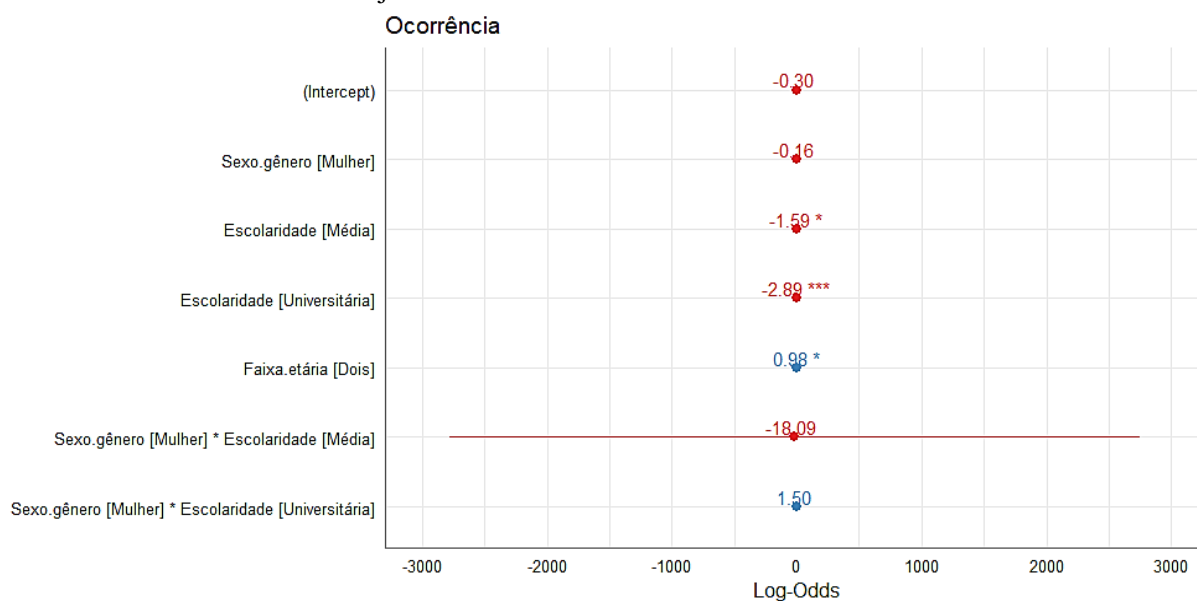
Fonte: Elaboração própria (2022).

Intercept: “em”, fórmula = Ocorrência ~ Sexo\*Faixa.etária + escolaridade, data = ds.

Os resultados da Tabela 2 refletem os mesmos resultados alcançados com o Gráfico 4, apresentado a seguir. Na tabela, em perspectiva, outras medidas estatísticas entram em jogo, tais como o valor de R<sup>2</sup> e C, “[...] medidas estatísticas de qualidade do ajuste, ou seja, de quão bem o modelo é capaz de explicar a variação encontrada nos dados” (OUSHIRO, 2017, p. 191). Isso corresponde dizer que foi obtido com o modelo um C = 0.869, cujo valor apresenta um poder aceitável de discriminação, pois está mais próximo de 1, conseguindo explicar a variação encontrada com os dados em análise. Quanto ao valor de R<sup>2</sup> = 0.461, isso significa dizer que o modelo explica 46% da variação encontrada para a variável resposta. Não obstante, o *Intercepto* se associa ao coeficiente linear do modelo, o *Erro Padrão* compreende a medida da precisão das previsões, o *Valor Z* é o resultado da razão entre a *Estimativa*, o coeficiente angular do modelo, e o erro padrão e o *Valor-p* (ou mesmo significância) é a probabilidade de ter observado um dado resultado.

Levando em consideração os valores no modelo da Tabela 2, com o objetivo de tornar os resultados mais visíveis, apresentamos o Gráfico 4, a seguir, que mostra o nível de significância vinculado ao favorecimento e desfavorecimento da preposição locativa *ni*.

Gráfico 4 – Efeitos do modelo ajustado



Fonte: Elaboração própria (2022).

Intercept: “em”, fórmula = Ocorrência ~ Sexo\*Faixa.etária + escolaridade, data = ds.

O Gráfico 4 mostra, em pontos azuis, o favorecimento da preposição locativa *ni*, no momento em que mostra, em pontos vermelhos, o seu desfavorecimento. Assim, a faixa.etária[Dois] favorece o uso de *ni* que, por seu turno, é desfavorecido pela escolaridade [média] e [universitária].

Em síntese, os resultados da análise variacionista empreendida neste estudo sobre os padrões de uso das preposições locativas *em* e *ni*, na comunidade de fala seabrense, reforçam o contexto de uso da variante, julgada não-padrão. Notamos que os usos das preposições locativas *em* e *ni*, na comunidade de fala seabrense, são fortemente influenciados pela escolaridade, dado que quanto mais o falante avança em termos de escolarização mais ele tende a fazer uso da variante padrão.

É por meio da escola, fornecedora de informação e conhecimento, que se delimita o percurso dos usos linguísticos dos discentes para um viés normativista, seguindo as orientações das gramáticas tradicionais, que por si só se afastam de outras variedades da língua. Dessa maneira, falantes que não têm contato direto ou não possuem níveis de escolaridade mais avançados, por exemplo, estão mais propícios a usos “estigmatizados” da língua, assim, a escola, conforme Mollica e Braga (2003, p. 56), recebe uma importância nada desprezível, dado que se responsabiliza “[...] por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha, não faz a mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola”.

### Últimos dizeres não finais

Objetivamos com este estudo descrever os padrões de uso entre as preposições *em* e *ni*, na comunidade de fala seabrense, numa amostra constituída de 12 (doze) entrevistas sociolinguísticas, estratificadas conforme o sexo, a faixa etária e a escolaridade dos falantes, assumindo as hipóteses de que: mulheres, indivíduos mais velhos e falantes com nível escolaridade baixo favoreceriam o uso da variante *ni*.

Verificamos que o modelo estatístico utilizado neste estudo foi capaz de nos permitir descrever a variação linguística presente na comunidade de fala investigada, respondendo à questão levantada na primeira seção deste texto. Na sequência, queríamos “[...] aferir, de maneira quantitativa, o resultado de um experimento e a distribuição esperada para o fenômeno em estudo” (OUSHIRO, 2017, p. 118), o que nos levou a averiguar que as variáveis faixa etária e escolaridade se mostram significativas como resultado do experimento realizado, nos permitindo confirmar a maioria das hipóteses levantadas, a saber: a de que falantes mais velhos e do sexo feminino motivariam o uso variável entre as preposições locativas *em* e *ni*.

Por fim, e não menos importante, objetivávamos verificar “[...] o efeito simultâneo de múltiplas variáveis previsoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável de resposta” (OUSHIRO, 2017, p. 182). Ante o exposto, submetemos os dados a uma análise de regressão logística binária, com e sem interações, com a qual constatamos que a faixa etária (dois) é a principal favorecedora do uso da variante *ni* na amostra examinada, sendo esta forma significativamente desfavorecida pelo nível de escolaridade fundamental, um fato que legitima um dos importantes papéis da escola, o ensino do português padrão, que a caracteriza como mantenedora do legado da norma gramatical, de acordo com as palavras de Souza (2015).

Os resultados obtidos com este estudo não são definitivos, visto que pretendemos ampliar a amostra, a fim de observarmos se o comportamento variável da preposição locativa *em* se manterá. No entanto, esta investigação contribuirá para traçarmos novos caminhos em direção à mudança linguística pela qual *ni* está passando, através da identificação de efeitos que agem no encaixamento social do fenômeno, bem como linguístico, não explorado neste texto, mas escalonado na agenda de estudos que serão posteriormente empreendidos por nós.

### Referências

ALBUQUERQUE; D. B. NASCIMENTO; A. M. O locativo *ni* na fala sergipana: uma interpretação à luz do contato de línguas. Interdisciplinar – **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, Itabaiana, v. 17, n. 2, p. 99-110, jun. 2013.

BAXTER, A. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a criouliização prévia: um exemplo do estado da Bahia. In: D'ANDRADE, E.; KIHM, A. (Org.). **Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa**. Lisboa: Colibri, 1992.

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonsalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FERRARI, L. V. Variação e cognição: o caso das preposições locativas em e ni no português do Brasil. **Revista ANPOLL**, FFLCH/USP, n. 3, 1997, p. 121-133.

KEWITZ, V.; ALMEIDA, M. L. L.; SOUZA, J. L. GONÇALVES, C. A. As Preposições: Aspectos Históricos e Usos Atuais. In: LOPES, C. R.; Castilho, A. T. (org.). **História do português brasileiro: mudança sintática das classes gramaticais: perspectiva funcionalista**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 294-383.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOPES, N. S.; BAXTER, A. NI no dialeto português dos Tongas de São Tomé (África). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CRIoulos E SIMILARES, 2006, 4, Goiânia. **Caderno de Resumos**. Goiânia: Universidade Federal de Goiânia, 2006. v. único. p. 27-28.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, n. 19, mar. 1997.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

OUSHIRO, L. **Introdução à estatística para linguistas**. Zenodo, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.822070>. Acesso em: 01 fev. 2022.

PAES, M. B. G. **A preposição ni em Vitória da Conquista: usos e avaliação do falante**. 2013. 99f. Dissertação (Mestrado em Estudo da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudo da Linguagem. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

PONTES, E. **Espaço e tempo na língua portuguesa**. Campinas: Pontes, 1992.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>. 2020.

RIBEIRO, C.C. S. **Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico**: a variação entre as preposições em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe. 2019. 84f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

SOUZA, E. S. **A preposição “ni” no continuum rural-urbano de comunidades baianas**. 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução: Marcos Bagno. Revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. Posfácio: Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia L. Duarte. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

### **Sobre o autor**

*Elias de Souza Santos* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1809-8312>)

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. É professor de Linguística/Língua Portuguesa no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias na Universidade do Estado da Bahia, campus XXIII, Seabra, Bahia, Brasil. Membro coordenador do Programa de Estudos em Linguística Cognitiva e Variacional.

Recebido em fevereiro de 2022.

Aprovado em maio de 2022.